

Neoleitores no Brasil Alfabetizado

Elisiani Vitória Tiepolo¹

Neoleitores é uma expressão que recupera a dignidade individual ao falar de uma possibilidade de renovação pessoal mediante a leitura. Neoleitores significam uma neocultura. Um neopaís, certamente melhor do que aquele que temos. Um país onde a literatura será para todos. Moacyr Scliar

O neoleitor é o jovem, adulto ou idoso que está iniciando sua caminhada de leitor. Para compreendê-lo melhor, é importante conhecer os dados sobre a leitura² e alfabetização entre os maiores de 15 anos. Segundo o INAF/2007 (Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional)³ a situação do alfabetismo entre pessoas entre 15 e 64 anos de idade, que estejam ou não estudando, residentes em todas as regiões do país em zonas urbanas e rurais, é a seguinte:

- **Analfabetismo:** corresponde à condição dos que não conseguem realizar tarefas simples que envolvem a leitura de palavras e frases ainda que uma parcela destes consiga ler números familiares (números de telefone, preços etc.). Nesse nível estão 7% da população pesquisada.
- **Alfabetismo nível rudimentar:** corresponde à capacidade de localizar uma informação explícita em textos curtos e familiares (com o um anúncio ou pequena carta), ler e escrever números usuais e realizar operações simples, com o manusear dinheiro para o pagamento de pequenas quantias ou fazer medidas de comprimento usando a fita métrica. 25% da população pesquisada estão nesse nível.
- **Alfabetismo nível básico:** pessoas classificadas neste nível podem ser consideradas funcionalmente alfabetizadas, pois já lêem e compreendem textos de média extensão, localizam informações mesmo que seja necessário realizar pequenas inferências, lêem números na casa dos milhões, resolvem problemas envolvendo uma seqüência simples de operações e têm noção de

¹ Formada em Letras e Mestre pela UFPR, em Literatura Brasileira. Trabalha com Educação de Jovens e Adultos desde 1994, quando participou da coordenação do Programa de Escolarização Básica dos Funcionários da Prefeitura de Curitiba, sendo também professora de uma das turmas do programa. Autora do software para alfabetização de Jovens, Adultos e Idosos, Luz da Letras, Fase II. Consultora da SEED/PR, no Programa Paraná Alfabetizado. Professora das Faculdades do Brasil/ UNIBRASIL, em Curitiba.

² Uma pesquisa que ajuda a compreender o neoleitor é Retratos da Leitura do Brasil, Instituto Pró-Livro (2008), que pode ser acessada em <http://www.prolivro.org.br>

³ Realizado desde 2001, o INAF/Brasil (Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional) é baseado em entrevistas e testes cognitivos aplicados em pessoas representativas dos brasileiros e brasileiras entre 15 e 64 anos de idade.

proporcionalidade. Mostram, no entanto, limitações quando as operações requeridas envolvem maior número de elementos, etapas ou relações. Corresponde a 40% da população pesquisada.

- Alfabetismo nível pleno: classificadas neste nível estão 29% das pessoas. Suas habilidades não mais impõem restrições para compreender e interpretar elementos usuais da sociedade letrada: lêem textos mais longos, relacionando suas partes, comparam e interpretam informações, distinguem fato de opinião, realizam inferências e sínteses. Quanto à matemática, resolvem problemas que exigem maior planejamento e controle, envolvendo percentuais, proporções e cálculo de área, além de interpretar tabelas de dupla entrada mapas e gráficos.

Além da pouca experiência em ler textos escritos, geralmente os neoleitores vêm dos estratos populares, e, mesmo morando no mundo urbano, trazem consigo uma história bastante vinculada ao mundo rural; além disso, sobrevivem em subempregos em que os baixos salários e a subserviência prevalecem; cada vez mais, os idosos têm buscado alfabetizar-se; as mulheres são em maior número, muitas vezes motivadas pela necessidade de ajudar os filhos nas tarefas escolares; o processo de alfabetização pelo qual passam (ou passaram, pois a maioria freqüentou em algum momento da vida um tempo de escola) ainda se baseia, muitas vezes, em atividades de memorização, o que os leva à idéia de que ler é uma atividade mecânica.

Os conhecimentos dos neoleitores

O neoleitor possui uma rica experiência de vida, vinculada ao seu trabalho e ao seu cotidiano. Por conta disso, tem contato com todo tipo de material escrito, ainda que não seja usuário deste material. Além disso, o adulto não domina apenas uma parte dos códigos do mundo - a linguagem escrita. Por exemplo, os pedreiros, mesmo analfabetos, calculam perímetros, ângulos, vigamentos, dispensando as regras escolares. Outro exemplo é em relação às formas pelas quais o sujeito analfabeto transita num mundo absolutamente letrado. Seus referenciais serão relacionados a elementos concretos; no caso da busca de um endereço, por exemplo, poderão ser árvores, postes, cores, etc. Há, aí, evidentemente, uma forma de pensamento mais atrelada a elementos da prática.

Porém, podemos dizer que os adultos são, em certa medida, mais letrados do que algumas crianças e jovens que se apropriaram de uma escrita burocrática, meramente escolar. Ou seja: um adulto analfabeto ou recém alfabetizado, mesmo não dominando as convenções da linguagem escrita é capaz de ler textos nos mais variados gêneros, lançando mão da leitura

presumida (ou pseudoleitura), na qual seus conhecimentos sociais sobre a escrita lhe ajudam a atribuir sentido ao texto para além da decifração do código. Assim, temos que considerar que muitos neoleitores podem não dominar o funcionamento do sistema alfabético e as convenções próprias da linguagem escrita, mas interagem com a escrita em seu cotidiano. Isso porque, segundo Paulo Freire,

*a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre texto e contexto.*⁴

Ou seja: o aprendiz da leitura e da escrita é sujeito do ato de conhecer e produz conhecimento.

Outra questão importante é que o leitor inicia sua caminhada antes de se alfabetizar. O crítico alemão Enzwenberger, em seu livro *Mediocridade e Loucura*, no capítulo intitulado *Elogio ao Analfabetismo*, ressalta que o adulto analfabeto, apesar de não dominar a escrita (e talvez justamente por isso), possui algumas qualidades: memória desenvolvida, assim como capacidade para concentração, astúcia e inventividade, tenacidade e aguçado sentido auditivo. Este mesmo autor afirma que a literatura é uma invenção do analfabeto, criador dos mitos e canções de ninar, dos contos de fadas, das orações, das charadas, de tal forma *que sem a transmissão oral não haveria poesia, e sem os analfabetos não haveria livros*.

Fazem parte, então, das experiências de leitura dos neoleitores toda uma tradição oral, composta de *causos*, trovas, parlendas, histórias de cordel, músicas tocadas nas rádios ou por violeiros, narrativas veiculadas através da televisão, histórias da Bíblia que acompanham os cultos, lendas, canções de ninar, adivinhações, provérbios, fábulas, entre outras. Essa vivência contém informações, experiências, valores e gostos. Trata-se de um arsenal de informações vindas da cultura popular⁵. Segundo Alfredo Bosi, *cultura é um*

⁴ Não é possível entender a questão da leitura na educação de jovens e adultos sem ler a obra de Paulo Freire, especialmente o texto “A importância do ato de ler”.

⁵ Cultura popular não é apenas a que provém das classes populares, mas constitui-se a partir de alguns traços que podem caracterizar uma determinada forma de conhecimento chamado de popular. A ambigüidade, por exemplo, é um desses traços, pois a cultura popular pode conter elementos reacionários assim como elementos progressistas. Ou a heterogeneidade, que permite que elementos de natureza diferentes sejam acoplados ou bricolados, formando, segundo Gramsci, um *aglomerado indigesto*.

conjunto de modos de ser, viver, pensar, falar, de uma dada formação social, o que significa dizer que é mera questão de dominação querer adjetivar e valorar uma cultura em detrimento de outra. Isso exige do artista o que este mesmo autor chama de “relação amorosa” com a classe popular, ou seja, um envolvimento que o permita se desfazer de uma visão etnocêntrica e colonizadora.

Como lêem os neoleitores

Em relação ao domínio da escrita, os neoleitores se caracterizam por apresentarem níveis bastante variados de domínio da linguagem escrita, mas têm em comum o fato de estarem iniciando a construção de um acervo de leitura de textos escritos e terem pouca experiência de leitura em que a mediação do outro não esteja presente.

Os neoleitores possuem uma concepção de leitura associada à oralização do texto escrito. Fazem uma leitura lenta, entrecortada, com interrupções, cometem omissão de palavras, de trechos, trocam de palavras, fazem pseudoleitura (procuram adivinhar o que está escrito). Evocam conhecimentos prévios para preencher lacunas na leitura e, nesse processo, muitas vezes ouvem mais o que já sabem sobre o tema do que o que o texto diz. Não costumam reler, retomar o texto em busca de informações não retidas na memória. Apreendem o tema, mas têm dificuldade de reproduzi-lo oralmente, falando de experiências próprias relacionadas ao tema. Têm dificuldade com o discurso metalingüístico, ou seja, em pensar o próprio processo de leitura. A leitura é mais orientada pelo interesse expressivo do que pelo analítico: há a preferência maior pela informação conhecida/prévia/evocada do que pela nova.

Um texto literário acessível a neoleitores

Para as crianças de hoje, a leitura é uma experiência sinestésica: as páginas saltam dos livros, há livros de todos os tamanhos e feitos dos mais diversos materiais, livros que fazem ruídos, que deixam um cheiro agradável nas mãos, livros para levar para a banheira, para dormir, enfim, livros-brinquedo que apresentam a literatura como uma atividade lúdica, mais tarde descoberta nos próprios textos. Para as crianças de antigamente, esse ludismo estava no próprio texto, na possibilidade de romper com os limites entre

realidade e fantasia, habitar mundos impossíveis, conhecer gentes, bichos, coisas sem sair do lugar. Para elas, em um mundo que não oferecia as multimídias que hoje oferece, as palavras encantatórias das histórias e as poucas ilustrações foram o canto da sereia que as levou para o mundo da leitura.

O neoleitor também precisa ouvir esse canto, caso contrário, a leitura será para ele sempre um mistério, algo distante e cada vez mais sem sentido. Mas, que textos podem exercer esse enredamento em um adulto que acabou de descobrir a escrita? Primeiramente, não podemos deixar de levar em consideração as palavras de Geraldí:

nossa história de leitores não começou pelo 'monumento literário'. O primeiro livro que lemos não foi aquele que lemos ontem ou aquele de que ouvimos uma conferência na semana passada. O respeito pelos passos e pela caminhada do aluno enquanto leitor (que se faz pelas suas leituras como nós nos fazemos leitores por nossas leituras) é essencial. Nesta caminhada é importante considerar que o enredo enreda o leitor.

Mas, como disse Riobalbo, “contar é dificultoso”, requer muito domínio da carpintaria da escrita. Na literatura infanto-juvenil, Monteiro Lobato inaugurou uma forma de contar que continua formando leitores: uma linguagem próxima ao coloquial, mas que nada de simples tem, pois não menospreza o leitor; a rica intertextualidade, que permite ao leitor reconhecer suas referências culturais e conhecer outros mundos; personagens que passaram a integrar a vida dos leitores; histórias em que o real e o imaginado fazem *bananada de goiabas* delicias e dão vontade de provar de novo. Na poesia, a literatura de cordel cria uma ponte entre a literatura oral e escrita e tem contribuído para a formação de muitos leitores que, depois de ouvir as histórias da boca dos poetas, querem lê-las com seus próprios olhos.

Ana Maria Machado diz que para conquistar para a leitura devemos oferecer

livros que podem ser mais simples, divertidos, mas que ao mesmo tempo garantam a exploração de certas ambigüidades de linguagem que caracterizam a literatura, apresentem empregos inusitados do idioma, tragam exemplos de recursos lingüísticos criativos e carregados de invenção. Livros em que a simplicidade não seja confundida com a facilidade superficial.

E quem sabe assim como hoje a literatura infanto-juvenil encontrou seu caminho, abandonando os didatismos e infantilismos, o neoleitor comece também a inspirar textos que lhe permitam interagir com o texto literário respeitando sua caminhada inicial de leitor e o fato de que suas experiências extralingüísticas são, talvez, muito mais ricas do que as do próprio escritor. Nada sobre o que Paulo Freire já não tenha nos alertado: só produzimos saber quando trocamos saberes. E aos escritores dessa nova geração de leitores cabe, talvez, mais do que simplesmente querer escrever para neoleitores, mas querer também aprender sobre e com eles.

Referências

- BENJAMIN, Walter. **O narrador**. In: Magia e técnica, arte e política. 6ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia da Letras, 1992.
- ENZENSBERGER, Hans Magnus. **Mediocridade e loucura**: e outros ensaios. São Paulo: Ática, 1995.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. 39 ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; PIERO, Maria Clara Di. **Preconceito contra o analfabeto**. São Paulo: Cortez, 2007
- INAF/2007, Instituto Paulo Montenegro e Ação Educativa.
- MACHADO, Ana Maria. **Ilhas no tempo**: algumas leituras. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.
- RETRATOS DA LEITURA NO BRASIL. Instituto Pró-Livro, 2008
- RIBEIRO, Vera Masagão. **Alfabetismo e atitudes**: Pesquisa com jovens e adultos. São Paulo: Papirus; São Paulo: Ação Educativa, 1999.
- _____ (org). **Letramento no Brasil**. São Paulo: Global, 2003.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. **O ato de ler**: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1985.